

ARTICULAÇÕES INSTITUCIONAIS

DA COLEÇÃO DE ARTE DE
ALFREDO NICOLAIEWSKY
NO RIO GRANDE DO SUL

CECILIA LOUREIRO

Graduada em História da Arte na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atuou como bolsista do CNPq com orientação da Dr^a Maria Amélia Bulhões. Coordena o Núcleo de Acervo da Galeria Bolsa de Arte. Membro do Comitê de Curadoria da Rede Latino-Americana de História da Arte (RedeLEHA) e pesquisadora dos temas de arte no Rio Grande do Sul e crítica de arte brasileira.

RESUMO

ESTA ENTREVISTA remonta à ideia de fazer um levantamento de colecionadores de arte no Rio Grande do Sul que possuem obras de artistas canônicos para o Rio Grande do Sul em sua coleção e não revendem suas obras. Pretende identificar o quê a coleção de Alfredo Nicolaiewsky documenta e em quais condições o colecionador a articula institucionalmente no Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE

Alfredo Nicolaiewsky; Coleção de arte; Arte moderna; Arte do Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

THIS INTERVIEW goes back to the idea of conducting a survey of art collectors in Rio Grande do Sul who have works by canonical artists for Rio Grande do Sul in their collection and do not resell their works. It intends to identify what the collection of Alfredo Nicolaiewsky documents and under which conditions the collector articulates it institutionally in Rio Grande do Sul.

KEYWORDS

Alfredo Nicolaiewsky; Art collection; Modern art; Rio Grande do Sul.

FIGURA 1

Ana Terra FIRMINO

Sem título, s/d

Fotografia

656 px x 467px

Reprodução da internet



ALFREDO NICOLAIIEWSKY é um artista plástico natural de Porto Alegre. Formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na qual também fez Mestrado (1997) e Doutorado (2003) em Poéticas Visuais. Desde 1991 é docente do Instituto de Artes da Universidade. A entrevista foi concedida dia 14 de março de 2023 no apartamento de Alfredo.

Começando do começo.

Qual a primeira obra que tu adquiriste?

Alfredo Nicolaiewsky - Não tenho certeza se foi uma obra da Anico Herskovits ou da (Maria Lídia) Magliani.

Quantas obras mais ou menos tu tens? Tu gostas de contar?

A. N. - Não tenho noção. Com a última contagem, percebi que tinha umas cem obras nas paredes. Mas, com certeza, deve ter mais de cem obras fora das paredes, no mínimo. Sim, gosto de contar as obras. É bem divertido.

Tu adquires em quantidade?

A. N. - Nunca. Não compro lote de um artista em hipótese alguma. Eu sei que existem colecionadores que vão à casa do artista e dizem: “quero tudo”, mas eu não, nunca pensei.

Já encomendaste uma obra para algum artista?

A. N. - Não. A maioria das obras eu comprei em leilão, que é muito mais barato do que o preço normal de mercado. Senão não seria possível.

Leilões do Rio Grande do Sul?

A. N. - Antigamente, sim. Eu comecei comprando aqui. Nos últimos tempos têm sido mais em leilões de São Paulo.

Teve algum momento especial que tu percebeste que formava uma coleção?

A. N. - Não. Eu nunca tinha pensado em formar uma coleção. Eu tinha quadros, que tinha trocado com amigos, enfim. E, eu ia em leilões para olhar, achava muito divertido. Tinha alguns que era uma esculhambação, e todo mundo dizia bobagens. Não era aquela coisa chique da Christie's¹. Era outra conversa. Em um desses leilões, apareceu uma pintura do Libindo Ferrás². Bem bonita, esta está nas paredes. Eu estava com o Paulo Gomes e a Neiva Bohns, de Pelotas. Estava só assistindo. E pensei que estava muito barata. O Libindo foi o primeiro professor e diretor do Instituto de Artes. Não fazia sentido. Eles falaram: dá um lance. Levantei a mão, ninguém brigou pelo quadro, e saí do leilão com ele. Em seguida, na véspera da minha defesa de Doutorado, em 2003, fui a um leilão para me distrair, comprei uma pintura do Pedro Weingärtner³, que também estava muito barata porque era uma peça

1

A Christie's, fundada em 1766 por James Christie, é uma empresa de arte, cotada também como casa leiloeira com grande reconhecimento desde os anos seguintes à Revolução Francesa no que respeita ao comércio de obras de arte. Oferece anualmente cerca de 350 leilões em mais de 80 categorias, tendo 12 salas de leilão em todo o mundo.

2

Libindo Ferrás (Porto Alegre, 1877 — Rio de Janeiro, 1951). Pintor e professor brasileiro. Em 1987, Ferrás viaja para Roma para um estágio em artes plásticas. De volta a Porto Alegre em 1899, participou de uma coletiva promovida pela Gazeta do Comércio (1903). A Escola de Belas Artes - EBA, criada em 1910, ficou sob sua direção e teria sob sua responsabilidade os cursos de Desenho, Pintura e Artes de Aplicação Industrial. Dirigiu a EBA até meados de 1936. Privilegiou a pintura de paisagem em retratos discretos e poéticos de sua terra, com uma técnica econômica e tradicional.

não assinada. Também está nas paredes. Mas, a gente sabia de onde vinha, e tal. Levantei a mão e disseram: “Está te comprando presente por causa da Defesa?” Todo mundo já se conhecia, era todo mundo amigo. Não me lembro se foi antes ou depois do Weingärtner que surgiu uma pinturinha, também está nas paredes, outra paisagem, todas eram... De um artista do Paraná que representou a Praia da Alegria, que fica do outro lado do Guaíba, em 1952. Eu veraneava na Praia da Alegria, 1952 é o ano em que eu nasci, e que provavelmente estive lá. E eu quis, né. Era um artista desconhecido para mim. Comprei! Ainda morava em um apartamento menor que este. Quando olhei eram três pinturas de paisagem. Digo: acho que estou colecionando paisagens. Daí comecei a comprar paisagens. Eu não gosto de pintura de paisagem, nunca gostei. Mas, daí, os marchands e os leiloeiros me ligavam: “Alfredo, chegou uma paisagem do fulano, precinho bom!” [risos]. Todo mundo via que eu comprava paisagens. Depois, começaram a aparecer coisas que não eram pinturas de paisagens e eu dizia: ah, isso eu gosto... ah, esse é um artista importante... Hoje em dia não tenho comprado mais paisagens, quase. Mas, tenho uma quantidade grande de paisagens, principalmente do Rio Grande do Sul.

Chegou o momento que tu cansaste de paisagens...

A. N. - Agora queria pinturas mais abstratas, tem me agradado mais.

Tu já doaste alguma obra da tua coleção?

A. N. - Ainda não.

3

Pedro Weingartner (Porto Alegre RS 1853 - idem 1929). Pintor, gravador, litógrafo, desenhista e professor. Filho de imigrantes alemães, trabalhou inicialmente como caixeiro-viajante e depois como litógrafo. Em 1886, Weingartner passa a residir em Roma, onde permanece por longo período. Viaja constantemente ao Brasil e participa de diversas exposições. Realiza mostra individual no Rio de Janeiro, em 1888, e volta ao Brasil em 1891, tornando-se professor da cadeira de desenho figurativo na Escola Nacional de Belas Artes - EBA, no Rio de Janeiro. Realiza diversas viagens ao sul do país, e explora temas regionais, comuns em sua produção. Pagava suas consultas médicas com quadros seus. A obra em questão viera de um dos médicos do artista. Foi um fiel e disciplinado seguidor dos princípios acadêmicos mais conservadores, e era dono de uma técnica refinada e sensível aos detalhes das obras.

E tu pensas em doar?

A. N. - A ideia era doar a coleção inteira para a Universidade. Continua sendo. Foi criado, então, um organismo, a Et alee, para receber, a coleção do Paulo Gomes, da Anico Herskovits, do Mário Röhnelt e a minha. Todos nós não tínhamos herdeiros diretos. A Anico e o Mário não tinham nem sobrinhos. Os dois eram filhos únicos. Não há espaço que suporte a Et alee. Daí, o Mário faleceu e, simplesmente, se perdeu toda coleção dele porque ele deixou para uma outra pessoa. A Anico está vendendo coisas da coleção dela, se desfazendo.

Tu já emprestaste alguma obra da tua coleção para uma exposição?

A. N. - Já, uma obra do Weingärtner foi para a grande mostra que teve para ele em São Paulo e no Rio de Janeiro, acho que só.

Como é feita a conservação da tua coleção?

A. N. - É o diabo. Não, na verdade eu não conservo do jeito que deveria. É muito caro. Tem muitas obras que eu comprei, e nunca mandei limpar, restaurar, porque estavam mais ou menos bem. Muitas vezes já fiz isto. Mas, às vezes pago mais caro para restaurar do que paguei pela obra. Eu tenho uma pilha de obras que deveriam ir para o restauro, mas...

Fica para quando der, né.

A. N. - E vai dando... Não, se tiver alguma obra muito estragada, se desmanchando mesmo, daí ela vai para o restauro. Neste momento, a Tina (Cristina Ferrony) deve estar com umas sete, oito obras para restaurar.

Quais nomes da arte moderna aparecem na tua coleção?

A. N. - O (Carlos) Petrucci é moderno... o (Carlos) Scliar, o Fahrion, o (Antônio) Gutierrez. O Waldeni Elias que fica no quarto. Tem muito mais obras contemporâneas.

Alguma década predomina na tua coleção?

A. N. - Não. A imensa maioria é do século XX, tem pouca coisa do século XIX, quase nada. Do XXI também tem bem pouco, se tiver alguma coisa. A minha coleção tem essa cara dos anos 1940, 1950, 1960. Em função de preço mesmo.

Em função da Et alee, vocês chegaram a fazer um levantamento das coleções de todos?

A. N. - Não. Fizemos suposições.

Tem algum artista que tu ainda queres ter na coleção?

A. N. - O Emmanuel Nassar é um que gostaria muito de ter. Gosto muito das obras dele, mas é muito caro, nunca aparece barato. Estou pensando em algum artista do Rio Grande do Sul... Não lembro.

Tem algum nome do Rio Grande do Sul que tu quis muito comprar?

A. N. - Tem vários, meus artistas do coração. O (Carlos) Pasquetti, adorava o Pasquetti, era meu colega. A Ione Saldanha, sempre achei o máximo e sempre era inviável. O Paulo Peres, que foi meu professor. O Glauco Pinto de Moraes, a Lenir de Miranda, me dou muito bem com ela.

As obras de arte moderna foram mais difíceis de adquirir?

A. N. - Não, pelo contrário. Todas essas obras que tem nas paredes são mais baratas do que as dos meus alunos nas galerias de arte. Qualquer uma aqui. Meus alunos estão com preços acima do Fahrion, do Weingärtner. Claro que o Weingärtner em uma boa galeria está lá em cima.

Algum museu já te contactou devido à alguma obra da tua coleção?

A. N. - A Pinacoteca da Prefeitura já. O diretor dela, Flávio Krawczyk, foi meu colega de mestrado, nos damos muito

bem. Eu já emprestei vários... ah verdade! Disse que não tinha emprestado antes, mentira! Emprestei muita coisa para a prefeitura, o Petrucci para a exposição dele, o Barão de Santo Ângelo (Manuel Araújo Porto Alegre). Tinha uma época que todas as exposições delas tinham alguma obra da minha coleção. Eles me ligavam assim: “Alfredo!!!” (risos). Daí o Flávio disse assim: “Temos que fazer uma exposição dessa tua coleção”, dela como coleção mesmo, mas não aconteceu.

Tu tens vontade?

A. N. - Acho que é possível.

Tu gostas de trazer as pessoas aqui no teu apartamento para conhecer a coleção?

A. N. - Nunca trouxe pessoas muito estranhas. Com pessoas amigas, gosto de fazer encontros, se tem um Congresso ou algo assim, uma janta...

Qual tua relação com outros colecionadores? De trocar figurinha assim...

A. N. - Colecionadores mesmo que conheço, importantes em Porto Alegre, cumprimento e termina aí. Nunca vieram ver a minha coleção, e nunca fui à casa deles. Posso até ir, um dia, se me convidarem, fico curioso. Tinham colecionadores que eu conhecia quando era jovem, os Knijnik, o Rubem e a Liba. Era colega da filha deles no primário e na faculdade. Daí ia fazer os trabalhos da faculdade na casa deles. Cercado de grandes obras do Rio Grande do Sul. Outros contemporâneos também, Tunga, Leonilson, era um espanto o que eles tinham. Era uma coleção que eu conhecia com 20 anos de idade.